

A RELIGIÃO DOS ROMANOS

João RIBEIRO JUNIOR

(Capítulo do livro inédito: A Vida Privada e Social na Roma Antiga)

Cícero, Salústio, Horácio e Tito Lívio afirmavam que os romanos eram o povo mais religioso do mundo. Porém, a verdade é que os romanos se comprometiam a honrar às divindades, se estas, em troca, lhes concedessem favores. O realismo romano levou, assim, a uma religião sem misticismo e sem dogmas. A religião romana, portanto, em sua essência, não era espiritualista; sua preocupação básica não visava o melhoramento moral do homem, senão afastá-lo dos perigos e protegê-los dos males. Prático, positivo, formalista, o romano organizou o culto à sua imagem. Deste modo, o *pater-famílias* era, por ofício, o sacerdote da família, que sacrificava em nome dos seus; enquanto que o culto público, eminentemente estatal, ficava a cargo dos funcionários e dos magistrados. Não havia, como entre outros povos da Antigüidade, a casta sacerdotal.

A religião primitiva romana era essencialmente animista e agrária; não existiam representações antropomórficas dos deuses, que podiam adotar diferentes aspectos, segundo fossem invocados pelo pastor, pelo camponês ou pelo soldado. Com os etruscos, através dos três volumes dos *Libri Etrusci*, recompilação dos ensinamentos de Tageta e Begoia (segundo Cícero, *De Divinatione*, "um camponês do território de Tarquínia, quando arava os seus campos, ao abrir com o arado um sulco mais fundo, tinha visto aparecer entre os torrões de terra uma figura de aspecto jovem, mas de raciocínio maduro, cujo nome era Tages (ou Tageta). Espantado, chamou com grandes gritos por uma multidão de gente. Tendo-se espalhado a notícia desse prodígio, todos acorreram. Tageta teria então proferido discursos que foram registrados por escrito". Begoia era uma ninfa que revelou a ciência do raio para os etruscos), - aparecem novas divindades, surgem as primeiras imagens de deuses, descobrem-se novos ritos e a arte de conhecer o

futuro (*Auspicium*), através do *Haruspicium*, consulta às entranhas dos animais sacrificados: o fígado, por exemplo, era dividido em partes (casas) cada uma das quais correspondia a um deus, e as anomalias descobertas constituíam um sinal das disposições divinas; do Augurium, interpretação do voo ou do canto das aves; e do *Fulguralis*, explicação dos relâmpagos e dos raios. Havia 18 tipos de raios correspondentes a cada uma das regiões do céu; se o relâmpago viesse do Oriente era sinal de felicidade, se do Norte ou do Oeste, de mau agouro. Todo objeto fulminado pelos raios era considerado sagrado. Assim, os etruscos transmitiram para os romanos a idéia de que a natureza responde a uma finalidade universal e que os fenômenos (*prodigium*) se apresentam aos homens, provocados pelas potências divinas para instruí-los a respeito de seu futuro, bem como de seus deveres.

Embora aceitando as práticas adivinatórias, os romanos, ao contrário dos gregos, estavam mais preocupados com o presente do que pela predição do futuro. Cícero, que não acreditava nos oráculos, definiu a adivinhação como “uma preciosa vantagem que contribui poderosamente para aproximar a natureza humana da divina”, e nos deu as seguintes modalidades praticadas em Roma, em sua obra já citada *De Divinatione*: 1) Adivinhação externa, artificial ou indutiva pela observação e interpretação de sinais exteriores, enviados pelos deuses: a) segundo a intenção, distinguem-se os prodígios, os sinais, cujo sentido é antecipadamente convenionado; os sinais fortuitos, a interpretar posteriormente; b) segundo o fenômeno natural observado, distinguem-se a ornitomania (pássaros), a ofiomancia (répteis), a dendromancia (plantas e árvores), a cledomancia (atos instintivos do homem), a hepastoscopia ou arte dos arúspices (fígado dos animais), a piromancia (fogo), a hidromancia (água), a oenomancia (vinho), a aleuromancia (desenho formado pela farinha molhada e depois seca ao sol), a observação dos fenômenos meteorológicos (raios e trovões), a astrologia (astros), a quiromancia (mãos), etc. 2) adivinhação interna, natural ou intuitiva: a) os grandes círculos (revelação divina direta, sem sinais exteriores); b) a niromancia (sonhos, simples ou com incubação); c) a necromancia (pelos mortos); d) a cremologia (delfrio dito sagrado entre os oráculos). Embora não citada por Cícero havia ainda a Antropomancia, que consistia em matar crianças para os arúspices (*aruspex*) interpretarem suas vísceras. O senado romano proibiu os sacrifícios humanos em 95 a.C., contudo, no tempo de Tibério (14 a 37 d.C.) foram imoladas crianças nas *Saturnálias* (festas realizadas em dezembro. Celebravam-se o regresso à época primitiva, quando Saturno era rei; época em que se aboliam as leis e as diferenças sociais entre os homens; invertiam-se, então, as posições sociais: os escravos davam ordens aos seus senhores, e estes os serviam à mesa). Cada divindade tinha seu animal ou sua ave mensageira, cujo canto, voo ou vísceras eram interpretadas. Destarte, Apolo tinha o corvo; Vesta, a água; Minerva, a coruja, etc. Vários animais eram consi-

derados portadores de *Auspicium*, como o touro, a serpente, o rato, entre outros. Sabe-se que Fábio Máximo, *Cunctator* (o Contemporizador) renunciou a ditadura porque um rato cruzou seu caminho.

No culto privado, os romanos usavam técnicas de adivinhação como a Alectriomania (derivado, talvez, de *Alecto*, fúria do Inferno, segundo Virgílio), que consistia na escolha que faziam grãos de trigo espalhados sobre um círculo alfabético e a leitura das letras correspondentes aos grãos escolhidos; ou usando um copo emborcado numa mesa, no centro de um círculo de letras, onde o advinho apenas coloca a ponta de seus dedos em cima do copo, sem empurrá-lo, e este se move formando frases. (Origem, provável, da *Ouija*, o copo que anda. *Ouija* vem da palavra *sim* (*oui* em francês; *ja*, em alemão) e consiste numa mesa polida com 40 x 30cm, na qual está inscrito o alfabeto em uma grande meia lua ao longo de sua borda. No extremo da mesa é colocada uma prancha menor com a forma de coração, montada sobre pequenos rolamentos que a permitem oscilar de um lado para outro; se uma ou mais pessoas colocam levemente a ponta de seus dedos na prancha em meia-lua, ela pode oscilar, de modo que a ponta do coração vai indo de letra em letra, formando palavras ou mesmo frases); - o processo chamado *Sortitus*, que deu origem a “sorte”, e a frase “tirar a sorte”, que consiste em retirar, aleatoriamente, algum objeto de um recipiente; e ainda a Electromancia, que era praticada colocando-se um galo branco, privado dos esporões, dentro de um círculo, tendo escrito na sua periferia as letras do alfabeto cobertas por um grão de milho; à proporção que o galo comia, anotavam as letras descobertas para ser formulada a resposta que se pedia.

Os primeiros auspiciadores (de *auspicio*, tomar os auspícios) de procedência etrusca foram implantados em Roma por Rômulo. O Augúrio (*Augurium*) tornou-se, então, uma instituição romana, composta de três membros que foram depois aumentados para seis, e para nove, sendo quatro patrícios e cinco plebeus. “A sua ciência se reduzia, diz Cícero, a doze capítulos ou artigos como os doze signos do zodíaco”.

No culto público a adivinhação iniciava-se com o *Praesagitio* (presságio), que deveria ser interpretado pelos auspiciadores, cuja influência foi de tal ordem, que uma lei de 150 a.C. dispôs que não se tomasse nenhuma decisão sem antes consultar os augúrios. A arte do presságio, que se dizia ensinada por Prometeu, dividia-se em sete classes: as palavras fortuitas; os estremecimentos de qualquer parte do corpo, principalmente do coração, dos olhos, das sobrancelhas; os zumbidos nos ouvidos; os espirros de manhã, ao meio-dia e à tarde; as quedas imprevistas; o encontro de certas pessoas estranhas, desconhecidas ou contrafeitas, como também o encontro de certos animais, e os nomes e os prenomes.

Criou-se um *Collegium Augurium*, que zelava para que os presságios fossem favoráveis, através de um minucioso ritual, que visava a modificação do *Fa-*

tum (*Fatus* para os homens; *Fata* para as mulheres) que designava o conceito de "vontade" (*numen*) da divindade; decisão irrevogável, da qual dependia o lícito (*fas*) e o ilícito (*nefas*). Sob a influência grega, o *Fatum* passou a ser o *Destino*. É assim que os *Augures* do Lácio e os Flamines (sacerdotes de Júpiter, de Marte, de Rômulo, que adotavam o apelido do nome dos deuses a quem serviam: *Flamen Martialis*, etc. *Flamen* vem de *filum*, fio de lã com atavam os cabelos) tinham o poder de conjurar ou dirigir o raio por meio de encantamentos, anulando o *Fatum*, captado pelos adivinhos dos *Fulguralis*, que interpretavam a queda dos raios, segundo à maneira etrusca. Caso não conseguissem, costumavam dizer: "Si fata fuissentut..." (se os destinos tivessem consentido que...)

Os romanos apoderaram-se da astrologia grega e a transformaram em astrologia romana, para completar suas predições. (A mais antiga representação conhecida do zodíaco encontra-se no teto de um templo em Denderah, Egito, que data de 100 a.C., e apresenta forte influência grega).

Zodíaco (círculo de animaizinhos) é o nome dado pelos gregos à zona celeste que osol parece percorrer no seu curso anual. Foi dividido em doze espaços, correspondendo cada espaço a um mês do ano. Nesses doze espaços estavam outras tantas constelações, chamadas os doze palácios do sol, em que Apolo entrava sucessivamente. A primeira constelação era *Aries* (Carneiro), correspondente ao mês de março; era o carneiro, velo de ouro, sobre o qual Frixo e Hele atravessaram o Helesponto. A segunda era *Taurus* (Touro), correspondente ao mês de abril; dele se utilizou Júpiter para transportar à ilha de Creta a bela Europa, filha de Agenor, rei da Fenícia, e que deu o nome a uma das partes do mundo então conhecido. A terceira chamava-se *Gemini* (Gêmeos), e correspondia ao mês de maio; eram Castor e Pólux, filhos de Lêda e de Júpiter, A quarta era *Câncer* (Caranguejo), mês de junho; Câncer era o monstro enviado por Juno contra Hércules, a fim de o impedir de matar a hidra do lago de Lerna. A quinta era *Leo* (Leão), mês de julho; representava o leão da floresta de Neméia, morto por Hércules. A sexta era *Virgo* (Virgem), mês de agosto; era Têmis, deusa da Justiça. A sétima era *Libra* (Balança), mês de setembro; era a balança suspensa no céu por Astréia, deusa da Paz, quando tornou a subir para o céu, depois de abandonar a terra, manchada de sangue pelos crimes dos homens. A oitava era *Scorpio* (Escorpião), mês de outubro; era o Escorpião, cuja picada causou a morte do gigante Orião. A nona era *Sagittarius* (Sagitário), mês de novembro; era o centauro Quirão, preceptor de Aquiles. A décima *Caper* ou *Capricornius* (Capricórnio), mês de dezembro; era a cabra Amaltéia, que amamentou Júpiter. A décima primeira *Aquarius* (Aquário), mês de janeiro; julga-se que era Ganimedes, herói troiano, que por sua beleza foi raptado por Júpiter, tornando-se copeiro dos deuses. (Simbolicamente, *Aquário* é um signo de ar, governado por Urano. Seu símbolo representa as ondas não líquidas, mas elétricas, ou seja, águas celestes do conheci-

mento superior (gnose), vertidas por Urano, o “homem portador da urna”). A décima segunda, *Piscis* (Peixes), mês de fevereiro; eram os peixes que transportaram Vênus e seu filho além do Eufrates, durante a guerra dos deuses contra Tifeu.

Embora Cícero e Agripa fôsem totalmente contrários à Astronomia, Marco Antonio teve seu astrólogo egípcio, a soldo de Cleópatra, afirma Plutarco; e o imperador Otávio Augusto divulgou seu horóscopo, revelando, assim, a data de sua morte, e mandou cunhar moedas de prata com o seu signo: Capricórnio, representado como um bode marítimo; mais tarde, porém, limitou a prática da Astrologia, possivelmente numa tentativa de desencorajar conspirações contra sua vida. Tibério, graças ao seu astrólogo Traslo, tornou-se perito no Zodíaco. Conta Dion Cassius (*História Romana*) que Tibério estudava os horóscopos de personagens importantes do Império para mandar assassinar aqueles que pudessem vir a suceder-lhe. Nero teve um astrólogo particular, Babillus, que pertenceu, também, a Vespasiano. Suetônio, na *As Vidas dos Doze Césares*, 1959, p. 389, relata um fato curioso ocorrido na época do imperador Domiciano, por volta de 95 d.C., a respeito de um astrólogo chamado Asclétarion que tendo predito a morte de Domiciano, este mandou executá-lo. Narra Suetônio: “Ele perguntou a Asclétarion qual seria seu próprio fim; como este assegurasse que muito em breve seria despedaçado por cães, Domiciano ordenou que o matassem sem demora. E para deixar constatada a vaidade do caldeu, ordenou que o queimasse com o maior cuidado. Enquanto, porém, se dava execução a esta ordem, sobreveio, de súbito, uma tempestade que deitou por terra todo o aparato dos funerais e cães estraçalharam-lhe o cadáver semicremado.”

Os romanos eram escrupulosos quanto as prescrições sagradas, revelando certo temor da divindade. Assim, tanto no culto público (*Sacra publica pro populo*) como no privado (*Sacra privata* ou *Gente*), as palavras rituais deveriam estar de acordo com o texto estabelecido; caso houvesse erros na pronúncia ou se se esquecesse algum termo, dever-se-ia repetir tudo de novo, sob pena de consequências imprevisíveis. Daí serem guardados zelosamente os *Annales* (Anais) e os *Hymni* (Hinos), sagrados e imutáveis, redigidos pelos sacerdotes. Nunca eram mostrados aos estrangeiros, pois revelar algum rito ou fórmula seria trair a religião da cidade, e entregar os seus deuses ao inimigo. Graças a esses *Anais* e a uma tradição oral, formou-se escola de eruditos desde Varrão e Valério Flaco até Aulo Gélcio e Macróbio, que derramaram luz por sobre toda a história antiga, dando início à época da crítica histórica romana.

A autoridade superior do culto em Roma era o *Collegium Pontificum*, cujo sumo sacerdote era o *Pontifex Maximus*, que, apesar de tudo, estava abaixo do *pater-familias*, em questão religiosa, pois podia apenas certificar-se se o pai de

família cumpria com todos os seus ritos religiosos, mas não tinha o direito de lhe ordenar a mais ligeira alteração nas suas leis domésticas de religião, como, por exemplo, na mais tradicional adoração privada dos romanos: a dos *Penates* (de *penus*, comestíveis; por extensão, despensa), divindades protetoras do lar, que velavam pela conservação dos alimentos, participavam das alegrias e tristezas domésticas, ao lado de *Vesta*. As estatuetas, representativas desses deuses, eram colocadas num canto da sala, e no meio delas colocava-se uma estátua de um cão (*Lar Familiaris*), símbolo da fidelidade dos deuses, e sua missão de guardiães. Ofereciam-lhes libações ou sacrifícios no fogo da lareira doméstica (Ainda hoje, na Europa Ocidental, a lareira é considerada o lar dos *gnomos* e das *fadãs*, que trazem felicidade à casa, e segundo algumas crenças, ajudam mesmo nos trabalhos domésticos). Os Penates dividiam-se, principalmente em *Lares* e *Manes*. Os *Lares*, de origem etrusca, eram deuses domésticos em que se adoravam os antepassados; sucedâneos dos *totens* dos clãs primitivos. Conta uma versão que Ocrísia, filha de um rei de Cronculo, cidade do Lácio, é curioso notar que *corniculum* é o ornamento em forma de chifre no capacete, como usavam os vikings), era escrava na corte de Tarquínio Prisco, o quinto rei de Roma. Um dia, ao cuidar do rito do deus Lar Familiaris, viu aparecer, nas cinzas do fogo, um órgão sexual masculino; consultou um auspiciador, e este mandou-a preparar-se para o casamento; e à noite deste mesmo dia, foi possuída pelo deus, nascendo, assim Sêrvio Túlio, que quando ainda bebê teve sua cabeça envolvida por chamas. Tal fenômeno foi interpretado como sinal de glória. Realmente, Sêrvio Túlio tornou-se o sexto rei de Roma, que elaborou uma Constituição, dividindo patrícios e plebeus em diversas classes, e estabeleceu as obrigações militares e políticas com base no censo. Ele foi morto por seu genro, Tarquínio, o Soberbo, último rei etrusco de Roma.

Segundo os antigos latinos, *Pontifex* vem de *pons/fex (facio)*, ou seja, Construtor de pontes. O Pontífice teria construído a primeira ponte sobre o Tibre. (A histórica defesa desta ponte por Horácio Cocles, no combate entre Horácios e Curiácios, no primitivo estado romano, foi matéria de muitos hinos épicos). Uma outra versão reza que o Pontífice presidia à construção das pontes, imolando vítimas humanas ao rio, para assegurar a solidez delas. É de se notar que, mais tarde, as Vestais foram encarregadas de manter esse ritual, atirando todos os anos ao Tibre vinte e quatro bonecos de vime. A partir de Otávio Augusto será sempre o Imperador que deverá ocupar o posto de *Pontifex Maximus*.

Durante as guerras púnicas, que se estenderam de 264 a 241, de 218 a 201, e de 149 a 146 a.C., o antropomorfismo fez rápidos progressos; e os antigos *Numes* romanos assumiram os atributos dos seus semelhantes gregos. Porém, foi na ditadura de Júlio César (49-44 a.C.) que os romanos começaram a fazer representações de deuses com forma humana, dando origem a escultura mitológica de imitação grega. Finalmente, com a queda da República por volta de 30 a.C., oficializa-se a *Mitologia greco-romana*.